

O Agronegócio Salvou o PIB. Quem Salva o Agronegócio? Por Evaristo de Miranda

📅 14/03/2026 ⌚ 19:01



O agronegócio teve papel essencial no abastecimento em alimentos, fibras e agroenergia do mercado interno e externo. As exportações fecharam com recorde de US\$ 169,2 bilhões, aumento de 3,0% em relação a 2024. O agronegócio representou 48,5% de toda exportação do Brasil. Foto: Pixabay – Pedrosa_picture

Lá vem o Brasil. Descendo a ladeira. Na bola, no samba. Na sola, no salto. Lá vem o Brasil. Descendo a ladeira. "Moraes Moreira"

Em 2025, a economia brasileira registrou uma desaceleração de 3,4% em relação a 2024. O PIB cresceu 2,3%, o menor avanço desde 2020, na pandemia. Alcançou R\$ 12,7 trilhões em valores correntes e caiu para o 11º lugar entre as economias do mundo. Abandonou o clube das 10 maiores. O resultado reflete o desequilíbrio fiscal, a alta carga tributária e o impacto dos juros elevados. Esse contexto é um freio à atividade econômica. Teria sido pior, não fosse o recorde do agro com crescimento de 11,7% em 2025.

O Brasil caiu para o 30º lugar em ranking do crescimento de PIB em 2025 entre 55 economias com resultados divulgados. Em 2024, ficara no top 20. Na América Latina, a economia brasileira teve desempenho inferior ao da Costa Rica (4,6%), Peru (3,4%) e Colômbia (2,6%). O maior crescimento está quase todo na Ásia. Taiwan lidera, com alta de 8,7%, seguida pelo Vietnã (8%). Os piores desempenhos ficaram na Europa, inferiores a 1%.

A agropecuária foi o grande motor do crescimento da economia em 2025. Cresceu 11,7% e representou 32,8%, um terço de todo o aumento do PIB. O agronegócio teve papel essencial no abastecimento em alimentos, fibras e agroenergia do mercado interno e externo. As exportações fecharam com recorde de US\$ 169,2 bilhões, aumento de 3,0% em relação a 2024. O agronegócio representou 48,5% de toda exportação do Brasil.

No mercado interno, a alta produção de grãos e proteínas animais garantiu o abastecimento a custos mais baixos, ajudou a controlar a inflação de alimentos, contida em 4,4%, e impulsionou o consumo das famílias no PIB. Ótimo para você e toda a população urbana brasileira.

A indústria apresentou crescimento moderado de 1,4%. O setor de serviços, o maior, cresceu 1,8% em 2025. Sem o forte desempenho da agropecuária (11,7%), o crescimento do PIB de 2,3% teria sido muito menor.

O resultado da agropecuária foi impelido por safras recordes, **sobretudo de milho (+23,6%) e soja (+14,6%)**, e pelo crescimento na produção, exportação e consumo *per capita* de carne bovina, suína, de frango e ovos.

Foto: Arquivo SNA

Em 2025, o Brasil se consolidou como o maior produtor e exportador de carne bovina. Superou os EUA, ao produzir 12,4 milhões de toneladas. As

exportações tiveram novo recorde: 3,5 milhões de toneladas, aumento de 20,9% em relação a 2024. O faturamento atingiu US\$ 18 bilhões, um salto de 40% comparado a 2024, dada a valorização de preços e novos mercados.

A China manteve-se como o maior destino, responsável por 47% a 50% da carga de carne bovina enviada ao exterior em 2025. **O Brasil exportou mais de 1,6 milhão de toneladas de carne bovina para a China e faturou cerca de US\$ 8,9 bilhões.** Para 2026, a China estabeleceu uma cota de 1,1 milhão de toneladas ao Brasil. Volumes acima desse limite podem enfrentar tarifa de importação de 55%. O governo propôs controles de embarques para evitar sobretaxas. A indústria da carne busca diversificar mercados (Vietnã, Japão, Coreia do Sul e outros) para depender menos da China.

A produção de carnes de frango, suínos e ovos, baseado em pequenos agricultores integrados, mostrou-se robusta, compensou ciclos de menor intensidade no boi e garantiu o abastecimento doméstico e a exportação.

No frango, a produção alcançou 15,4 milhões de toneladas (+3%). O consumo interno subiu para 47,8 kg por habitante. O Brasil segue o maior exportador: 5,324 milhões de toneladas, um aumento de 0,6% em relação a 2024, apesar do episódio de gripe aviária, em maio de 2025.

O consumo de ovos passou de 269 unidades por habitante em 2024 para 287 em 2025 (+6,7%). Chegará a 307 em 2026 (+7%). A produção de carne suína superou 5,5 milhões de toneladas (+2,7%) em 2025 e registrou recorde de exportação: 1,51 milhão de toneladas (+11,6%).

A agropecuária foi o pilar do crescimento econômico em 2025, sustentada pela altíssima produtividade de soja, milho e recordes nas exportações de carne bovina, suína e de frango. Ainda assim enfrenta grandes desafios. Parte da “esquerda” ideológica e setores do Governo Federal seguem cegos à realidade do agronegócio, sem proposta estratégica sobre a agropecuária num projeto de país. E tratam o agronegócio de *ogronegócio*, como a Ministra Marina Silva, um inimigo a ser combatido e abatido.

A Amazônia é o pior exemplo de como parte do governo federal combate, com uma política agrária de insegurança jurídica, a atividade agropecuária. Há um milhão de produtores rurais só no bioma Amazônia. O INCRA assentou 510 mil famílias, em 2.406 projetos agrários. Colonos sem-terra

deixaram o Sul e Sudeste e instalaram-se em estradas como Belém-Brasília, Transamazônica e BR 364, entre 1970 e 1990, em locais indicados pelo INCRA. Construíram pequenas propriedades. Aguardam até hoje sua regularização fundiária, paralisada na atual administração federal.

A regularização fundiária é a mãe de todas as batalhas agrárias. Não há segurança jurídica para a agricultura no

Foto: Arquivo SNA

país. Agora, situações consolidadas são *ilegalizadas* por invasões e novas medidas administrativas em favor de áreas protegidas, ampliações de terras indígenas contra proprietários rurais estabelecidos, sem considerar o histórico de cada situação.

O eugenismo ambientalista (Revista Oeste, Ed. **277**) atingiu intensidade nunca vista sobretudo no Acre, Rondônia, Amazonas, Pará e Mato Grosso. Nessa política do atraso, o governo federal revogou o decreto 12.600 para a concessão de hidrovias na Amazônia. Ocupação de instalações portuárias da Cargill em Santarém por indígenas e revogação do decreto levaram a multinacional a desistir de investir cerca de R\$ 1,2 bilhão em um projeto de cultivo e beneficiamento industrial de cacau no oeste do Pará. A iniciativa foi transferida ao Equador. Quem festeja ou lamenta essa decisão no Pará?

No Pará, cacauzeiros são cortados na base por motosserras de agentes ambientais. Casas e currais demolidos. Agricultores e mães amamentando deixados no meio da mata. Pais de famílias rurais se suicidaram. Esse **desrespeito aos direitos humanos** evoca o verdadeiro ecocídio: o crime cometido contra humanos em nome do meio ambiente e não o contrário.

Embargos remotos

Agricultores, sem direito de defesa, são vitimados por embargos remotos, decretados com erros, a partir de imagens de satélite, em todo o país. São notificados no Diário Oficial da União, de leitura não obrigatória, por *dedução remota de crime ambiental*. São milhares de agricultores, inviabilizados por embargos remotos, sem poder vender colheitas, nem ter onde estocar. Eis o eugenismo ambientalista e tribalista em ação.

Se há ilegalidades, ao invés de retirar a laranja podre do cesto, agentes do IBAMA, FUNAI e ICMBio preferem descartar todas as frutas, como pregava o genocida Khmer Vermelho no Camboja. E queimar o cesto. Bovinos confiscados, sem indenizar, são abatidos. Na cidade, alguém pode ser despejado, ter a casa destruída e o carro vendido, sem ressarcimento?

Hoje, o crime é o **principal empregador** na Amazônia. **Operações de guerra** do Governo Federal visam produtores rurais, não o narcotráfico. Uma organização criminosa **soltou** animais confiscados pelo ICMBio no Acre. Quando criminosos agem *teoricamente em favor* de produtores, cabe se interrogar sobre o real papel do Estado.

O futuro da agricultura não pode ficar apenas nas mãos do Ministério do Meio Ambiente, ongs e seu *diktat*. Pequenos e médios agricultores seguem ignorados por movimentos sociais e organizações partidárias. Nos anos de 1970 eram a base da **linha revolucionária**. Muitos cultivam o resgate da **memória dos camponeses mortos** na guerrilha e esquecem os vivos.

Instabilidade no Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, agricultores enfrentam uma crise econômica, financeira e social profunda, após cinco anos de eventos climáticos (secas e inundações) e políticas desfavoráveis. O agro impacta cerca de 40% do PIB estadual. Responde por grande parte das exportações. O produtor rural está abandonado. A agricultura gaúcha necessita de um Plano Marshall com investimentos estruturantes, programas e projetos, numa ampla parceria entre setores público e privado, para superar a crise, retornar à normalidade e ao crescimento. Isso não passa nem perto das atuais ações eleitoreiras (Revista Oeste, **Ed. 312**).

Na Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2026, Lula vetou a garantia e a incontingenciabilidade de recursos para seguro rural e pesquisa. Esse ato obscurantista atinge o presente e o futuro da agropecuária: sem seguro para hoje, nem ciência para amanhã. Qual a prioridade para a ciência e o agro? Em 2026, o orçamento das universidades federais será de R\$ 7,85 bilhões, queda de 45% em relação a 2014, e houve aumento de 59 instituições para 69. A Embrapa, comprometida, enfrenta uma enorme crise orçamentária (Revista Oeste, **Ed. 309**).

Assim avança o agro. Desconhecido no mundo urbano. Sem assistência técnica, crédito ou seguro rural, nem programas de desenvolvimento e extensão adequados. Vítimas de narrativas e abandonados pela esquerda identitária, os pequenos e médios produtores rurais, em particular, são uma espécie ameaçada de extinção, apesar de todo seu peso na economia.

Em 2026, o agro não repetirá o PIB de 2025. No curto e médio prazo, sem infraestrutura logística adequada, nem segurança jurídica, sem lugar num inexistente projeto nacional, na descida de ladeira do Brasil, com sobrecarga tributária e ambiental, o agronegócio (galinha dos ovos de ouro) acabará por não se sustentar, nem sustentar – com seu suor, produção e impostos -o PIB e a festança alheia.

Evaristo de Miranda é pesquisador aposentado da Embrapa, doutor em Ecologia e membro da Academia Nacional de Agricultura da SNA.

Artigo publicado originalmente na revista Oeste, gentilmente cedido à SNA pelo autor.

Facebook

Twitter

LinkedIn

WhatsApp

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Notícias do Agro

Soja: Cenário cambial e safra recorde pressionam a soja

Notícias do Agro

Feijão: Demanda sustenta reação do Carioca; Preto segue sob pressão

Sociedade Nacional de Agricultura Faculdade SNA Digital

Av. General Justo 171 – 3º e 7º andares
Centro – Rio de Janeiro (RJ)
CEP: 20021-130
+55 (21) 3231-6350

Campus Educacional e Ambiental SNA

Avenida Brasil 9727
Penha – Rio de Janeiro (RJ)
CEP: 21012-351
+55 (21) 3977-9979



Envie-nos uma mensagem

INSTITUCIONAL

[Sobre a SNA](#)

[Diretoria da SNA](#)

[Academia Nacional de Agricultura](#)

EDUCAÇÃO

[SNA Digital – EAD](#)

[Campus Educacional](#)

PUBLICAÇÕES DA SNA

[A Lavoura](#)

[Animal Business](#)

[CI Orgânicos](#)

[Boletim SNA](#)

CONTEÚDO

[Destaques da SNA](#)

[Notícias do agro](#)

[Artigos](#)

Entrevistas

SNA Startup Hub

[Código de Ética](#)

[Política de Governança](#)

[Política de Privacidade.](#)

© Copyright Sociedade Nacional de Agricultura 2023. Todos os direitos reservados.